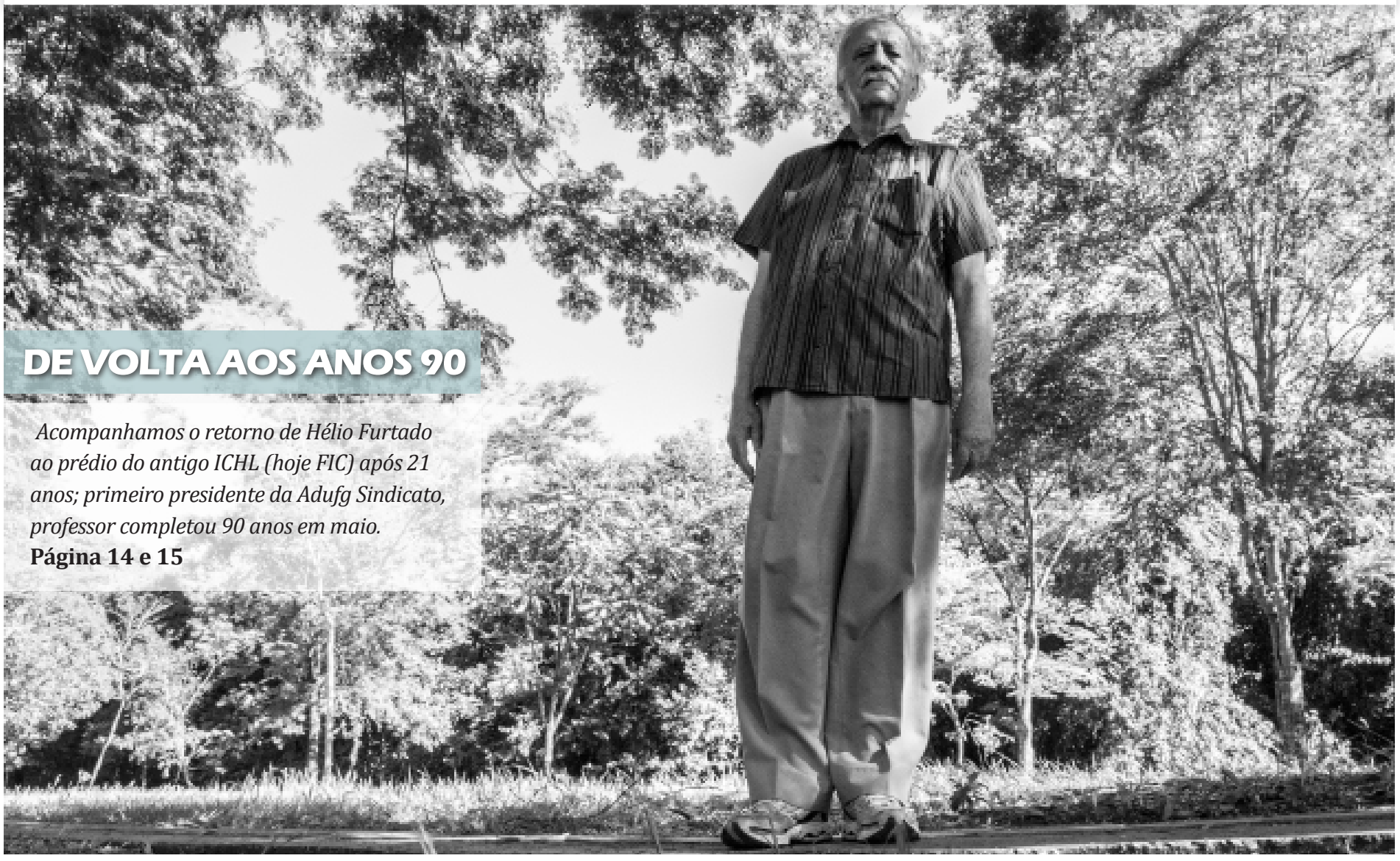
Jornal do Professor

Adufg SINDICATO

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS – ANO III– Nº 31 – MAIO DE 2016

Fábio Alves



DE VOLTA AOS ANOS 90

Acompanhamos o retorno de Hélio Furtado ao prédio do antigo ICHL (hoje FIC) após 21 anos; primeiro presidente da Adufg Sindicato, professor completou 90 anos em maio.

Página 14 e 15

Docentes podem ficar sem reajuste

Nem medida provisória garante aumento e reforma na carreira

Presidente da Adufg Sindicato, Flávio Alves da Silva já fala em greve

Docentes expõem preocupações em assembleia

Presidente da Andifes demonstra apreensão com mudança de governo

Páginas 8 a 11

EDITORIAL

Juntemos forças

A instabilidade política em Brasília coloca em perigo o reajuste salarial negociado com o governo federal durante a greve do ano passado. Tanto os aumentos salariais como a reformulação da carreira docente foram enviados ao Congresso na forma de Projeto de Lei e, mesmo que o governo edite uma Medida Provisória, como pediu o Proifes-Federação, não há garantias de o acordo de 2015 se torne lei.

A MP tem efeitos imediatos, mas deve ser aprovada pelo Congresso para virar lei. E a considerar a qualidade da relação do (ainda) governo Dilma com parlamentares, ou a falta de diálogo de um possível governo Temer com a categoria, definitivamente o atual cenário não é favorável para que alimentemos expectativas positivas.

Embora extremamente relevante, este é apenas mais um exemplo do clima insustentável que a crise política impõe ao cotidiano de todos nós. As universidades federais têm enfrentado um arrocho apenas comparável aos duros anos do governo FHC; e o fato desta penúria se seguir à maior expansão em décadas, apenas aprofunda a justa indignação da categoria.

Não é aceitável que todo o avanço conquistado esteja ameaçado pela paralisia de um governo que a cada dia está mais perto de "descer a rampa"; ou por um futuro governo que assumiria alumbrado pela ilegitimidade. Devemos nos preparar para defender a universidade pública, gratuita e de qualidade em toda sua extensão e com todas as nossas forças.

Contato com a redação
(62) 3202-1280 / jornaldoprofessor@adufg.org.br

Professor da FAV e chargista, Paulo Veiga satirizava, entre final dos anos 90 e início dos anos 2000, problemas da universidade pública.

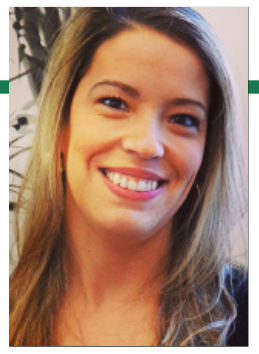
Página 16

PROFESSORA DA FIC REBATE ARTIGO SOBRE INFOMETRIA

Opinião, Página 3

HELIANA DE ALMEIDA VÊ BELEZAS DA FOTO MACRO

Página 13



Precisamos falar sobre a vaidade na vida acadêmica

Rosana Pinheiro-Machado*

A vaidade intelectual marca a vida acadêmica. Por trás do ego inflado, há uma máquina nefasta, marcada por brigas de núcleos, seitas, grosserias, humilhações, assédios, concursos e seleções fraudulentas. Mas em que medida nós mesmos não estamos perpetuando esse modus operandi para sobreviver no sistema? Poderíamos começar esse exercício auto reflexivo nos perguntando: estamos dividindo nossos colegas entre os "fracos" (ou os medíocres) e os "fodas" ("o cara é bom").

As fronteiras entre fracos e 'fodas' começam nas bolsas de iniciação científica da graduação. No novo status de bolsista, o aluno começa a mudar a sua linguagem. Sem discernimento, brigas de orientadores são reproduzidas. Há brigas de todos os tipos: pessoais (aquele casal que se pegava nos anos 1970 e até hoje briga nos corredores), teóricas (marxistas para cá; weberianos para lá) e disciplinares (antropólogos que acham sociólogos rasos generalistas, na mesma proporção em que sociólogos acham antropólogos bichos estranhos que falam de si mesmos).

A entrada no mestrado, no doutorado e a volta do doutorado sanduíches vão demarcando novos status, o que se alia a uma fase da vida em que mudar o mundo já não é tão importante quanto publicar um artigo em revista qualis A1 (que quase ninguém vai ler).

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dizíamos que quando alguém entrava no mestrado, trocava a mochila por pasta de couro. A linguagem, a vestimenta e o ethos mudam gradualmente. E essa mudança pode ser positiva, desde que acompanhada por maior crítica ao sistema e maior autocrítica – e não o contrário.

A formação de um acadêmico passa por uma verdadeira batalha interna em que ele precisa ser um gênio. As consequências dessa postura podem ser trágicas, desdobrando-se em dois possíveis cenários igualmente predadores: a destruição do colega e a destruição de si próprio.

O primeiro cenário engloba vários tipos de pessoas (1) aqueles que migraram para uma área completamente diferente na pós-graduação; (2) os que retornaram à academia depois de um longo tempo; (3) os alunos de origem menos privilegiada; (4) ou que têm a autoestima baixa ou são tímidos. Há uma grande chance destas pessoas serem trituradas por não dominarem o ethos local e tachadas de "fracos".

Os seminários e as exposições orais são marcados pela performance: coloca-se a mão no queixo, descabela-se um pouco, olha-se para cima, faz-se um silêncio charmoso acompanhado por um impactante "ãaaahhh", que geralmente termina com um "enfim" (que não era, de fato, um "enfim"). Muitos alunos se sentem oprimidos nesse contexto de pouca objetividade da sala de aula. Eles acreditam na genialidade daqueles alunos que dominaram a técnica da exposição de conceitos.

Hoje, como professora, tenho preocupações mais sérias como estes alunos que acreditam que os colegas são brilhantes. Muitos deles desenvolvem depressão, acreditam em sua inferioridade, abandonam o curso e não é raro a tentativa de suicídio como resultado de um ego anulado e destruído em um ambiente de pressão, que deveria ser construtivo e não destrutivo.

Mas o opressor, o "foda", também sofre. Todo aquele que se acha "bom" sabe que, bem lá no fundo, não é bem assim. Isso pode ser igualmente destrutivo. É comum que uma pessoa que sustentou seu personagem por muitos anos, chegue na hora de escrever e bloqueie.

No fim das contas, não é raro que o "fraco" seja o cavalinho que saiu atrasado e faça seu trabalho com modéstia e sucesso, ao passo que o "foda" não termine o trabalho. Ademais, se lermos o TCC, dissertação ou tese do "fraco" e do "foda", chegaremos à conclusão de que eles são muito parecidos.

A gradação entre alunos é muito menor do que se imagina. Gênios são raros. Enroladores se multiplicam. Soar inteligente é fácil (é apenas uma técnica e não uma capacidade inata), difícil é ter algo objetivo e relevante socialmente a dizer.

Ser simples e objetivo nem sempre é fácil em uma tradição "inspirada" (para não dizer colonizada) na erudição francesa que, na conjuntura da França, faz todo o sentido, mas não necessariamente no Brasil, onde somos um país composto majoritariamente por pessoas despossuídas de capitais diversos.

É preciso barrar imediatamente este sistema. A função da universidade não é anular egos, mas construí-los. Se não dermos um basta a esse modelo a continuidade desta carreira só piora. Criam-se anti-professores que humilham alunos em sala de aula, reunião de pesquisa e bancas. Anti-professores coagem para serem citados e abusam moral (e até sexualmente) de seus subalternos.

Anti-professores não estimulam o pensamento criativo: por que não Marx e Weber? Anti-professores acreditam em lattes e têm prazer com a possibilidade de dar um parecer anônimo, onde a covardia pode rolar às soltas.

Como professora, posso afirmar que o número de alunos que choraram em meu escritório é maior do que os que se dizem felizes. A vida acadêmica não precisa ser essa máquina trituradora de pressões múltiplas. Ela pode ser simples, mas isso só acontece quando abandonamos o mito da genialidade, cortamos as seitas acadêmicas e construímos alianças colaborativas.

Transformação

Minha própria trajetória como aluna foi marcada por orientadoras e orientadores generosos que me deram liberdade única e nunca me pediram nada em troca.

Assim como conheci muitos colegas que se tornaram pessoas amargas (e eternamente em busca da fama entre meia dúzia), também tive muitos colegas que hoje possuem uma atitude generosa, engajada e encorajadora em relação aos seus alunos.

Vaidade pessoal, casos de fraude em concursos e seleções de mestrado e doutorado são apenas uma parte da história da academia brasileira. Tem outra parte que versa sobre criatividade e liberdade que nenhum outro lugar do mundo tem igual. E essa criatividade, somada à colaboração, que precisa ser explorada, e não podada.

Hoje, o Brasil tem um dos cenários mais animadores do mundo. Há uma nova geração de cotistas ou bolsistas Prouni e Fies, que veem a universidade com olhos críticos, que desafiam a supremacia das camadas médias brancas que se perpetuavam nas universidades e desconstroem os paradigmas da meritocracia.

Soma-se a isso o frescor político dos corredores das universidades no pós-junho e o movimento feminista que só cresce. Uma geração questionadora da autoridade, cansada dos velhos paradigmas. É para esta geração que eu deixo um apelo: não troquem o sonho de mudar o mundo pela pasta de couro em cima do muro.

**Cientista social, antropóloga, professora do departamento de Desenvolvimento Internacional da Universidade de Oxford [artigo publicado originalmente em 24/02/2016 no site www.cartacapital.com.br]*

*Maria das Graças Monteiro Castro**

A qualidade da ciência pode crescer gradualmente a partir da quantidade das publicações científicas?

Com a tese "a qualidade pode crescer gradualmente a partir da quantidade", sustentada a partir de uma série de variáveis estatísticas levantadas em um estudo sobre os currículos *Lattes* de 1.487 membros (doutores e em doutoramento) do corpo docente da Universidade Federal de Goiás (UFG), o professor José Alexandre Diniz Filho e mais outros três autores[1] apontam o quadro de produtividade dos professores da UFG no artigo "Drivers ofacademic performance in a Brazilian university under a government-restructuring program", publicado recentemente no periódico Journal of Informetrics (JOI).[2]

Ao desenvolver um estudo baseado na infometria, os autores sustentam que, apesar de se referirem à realidade da UFG, o estudo reflete o sistema acadêmico nacional, mesmo sendo um informação intuitiva, uma vez que todas as IFES estão submetidas às mesmas regras de avaliação estabelecidas pelas agências de fomento Capes e CNPq. O universo pesquisado é constituído pelo número total de artigos científicos publicados entre 2011 e 2013. Não obstante os autores afirmem que as áreas de conhecimento tenham sido consideradas em suas especificidades, os dados infométricos apresentados no artigo não são suficientes para comprovar as correlações feitas entre as diferentes áreas. Os autores determinam as variáveis da pesquisa, em que reúnem critérios – tais como equilíbrio entre pesquisa e carga horária de ensino, bolsa-produtividade, bolsas de estudos ou tempo de contratação dos professores – para mensurar os números levantados, sem, no entanto, apresentar a opção pelos critérios adotados, de forma conceitual e metodológica.

Ao final, concluem que 30% dos professores doutores não tiveram quaisquer publicações entre 2011 e 2013 e que somente 18,7% dos artigos foram publicados em periódicos indexados A1. Além dessa verdade declarada, os autores sustentam ainda que existe uma correlação de alta produtividade com os projetos de investigação financiados. Com base nesses dados, sinalizam a necessidade de melhoria das políticas de gestão da universidade, fundamentando-se na noção de maior produtividade científica traduzida na publicação de artigos em periódicos bem ranqueados.

Em síntese, os autores afirmam que, em um país sem tradição de pesquisa consolidada, a experiência na área não surgirá se os pesquisadores não forem estimulados a produzir mais. Daí o caminho seria o crescimento da qualidade a partir da quantidade, trocando a qualidade da pesquisa pela quantidade de publicações. Tomam ainda como modelo de qualidade de formação aquele professor que aprendeu a publicar ou que esteve envolvido em grupos de pequisa produtivos. Defendem que a concessão de licenças remuneradas ao corpo docente proporciona uma baixa produção e pode ser um fator de ineficiência para a melhoria da produtividade no âmbito da universidade. Também consideram fundamental a inserção dos professores nos programas de pós-graduação, em especial no doutorado, para melhorar o nível de publicação da instituição. Esta seria a política de gestão tratada como eficiente para que a universidade alcançasse um patamar produtivo.

A escolha metodológica dos autores, a infometria, já antecipa a conclusão do resultado. A produtividade apresentada em percentuais, sem qualquer avaliação do mérito dos dados, aponta para uma concepção de produção acadêmica, de conhecimento e de saber. A qualidade do que está sendo publicado, como resultado dos processos de produção do conhecimento acadêmico, é pouco (ou nada) considerada em detrimento da quantidade de publicações.

Para poder discutir do ponto de vista acadêmico a questão da produtividade na universidade, cabe considerar outras abordagens teóricas que estão além da infometria. Publicar é importante, como forma de divulgação do conhecimento produzido, e isto não está posto em questão. O que se discute aqui é a premissa e o equilíbrio necessário do "publique, apareça ou pereça", característico de uma era marcada pelo produtivismo midiático e performático. Zuin e Bianchetti (2015, p. 728) desenvolvem o tema do produtivismo nessa era, levantando a necessidade de olhar para a realidade e de registrar suas contradições. "Publicar ou perecer" tem sido tratado com dualismos e polarizações. Esses autores afirmam que, quando isto se instaura, "o resultado é a anulação, a exclusão/subsunção de uma das partes 'litigiantes', dado que, se a condição é "ou", somente uma delas sobreviverá". Adiantam que, ao excluir o conflito e a dialética para a construção de um novo caminho para a produção acadêmica, processos e resultados irracionais são gerados, como o apresentado pelo artigo que é objeto deste texto.

Embora a abordagem infométrica seja uma ferramenta a ser usada, é perigoso argumentar que a produtividade acadêmica, em si mesma, pode refletir uma característica geral do sistema acadêmico, sem cometer inconsequências. Mesmo sendo um tema recente, Zuin e Bianchetti (2015) mostram uma vasta literatura na área das ciências humanas, cujos autores (Chaui, 2003; Sguissardi e Silva Jr., 2009; Bianquetti, 2011, entre outros) analisam o assunto sob os mais diferentes aspectos que "vão do individual ao institucional, evidenciando as causas, as manifestações e as consequências do predomínio desse particular capitalismo em sua versão acadêmica".

Torna-se necessária a compreensão das origens e as consequências para o universo acadêmico. Nessa compreensão deve-se analisar a relação entre ensino, pesquisa e extensão, as diferentes estruturas de publicações, além do artigo de periódico como forma hegemônica. Essas questões estão na gênese da naturalização do "publique ou pereça", como única forma de manter-se ou progredir na carreira a qualquer custo.

Em Inimigos da esperança, Waters (2006), editor da Harvard University Press, denuncia a firme tendência de considerar a produção editorial apenas pelo aspecto quantitativo, sem atentar para a produção e a recepção. Avança na reflexão, ao caracterizar o processo de mercantilização que se observa no espaço acadêmico, do ponto de vista administrativo e contábil. A produção intelectual se torna uma tarefa em série, numa verdadeira linha de montagem fabril, em que o processo de produção é ofuscado pela recepção dos produtos. A consequência, além da geração de uma lista de aspectos improdutivos, está no produto almejado: não importa o conteúdo publicado, mas sim a frequência de publicação, onde foi publicado e com quem se publica. E como esse processo se opera? E a proliferação de casos de plágio, autoplágio, autocitações e citações cruzadas? Ah! Isso é outra história. É a hegemonia da aparência em detrimento da essência.

** Professora do Curso de Biblioteconomia da FIC/UF. Ex- diretora do Cegraf/UFG. Doutoranda em Educação na FE/UFG.*

[1] *Maria Clorinda S. Fioravanti, Luis Mauricio Bini e Thiago Fernando Rangelca.*

[2] *Journal of Informetrics (JOI) é bastante respeitado por publicar pesquisas de alta qualidade e por ser rigoroso com aspectos quantitativos da ciência da informação. Os principais focos da revista são temas nas áreas de bibliometria, cienciometria, webometria e altimetria. Valorizam-se contribuições que estudam problemas infométricos envolvendo métodos de outros campos quantitativos, como matemática, estatística, ciência da computação, economia e econometria, pesquisa operacional e ciência de rede."(Disponível em: http://www.journals.elsevier.com/journal-of-informetrics/).*

REFERÊNCIAS

DINIZ FILHO, J. A. F. et al. Drivers ofacademic performance in a Brazilian university under a government-restructuring program. Journal of Informetrics, v.10, n.1, p. 151-161, fev.2016.

ZUIN, Antônio A.S.; BIANCHETTI, Lucídio. O produtivismo na era do "publique, apareça ou pereça": um equilíbrio difícil enecessário. Cadernos de Pesquisa, v. 45, n. 158, p. 726-750, out./dez. 2015.

WATERS, Lindsay. Inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição. São Paulo : Ed. Unesp, 2006.

*Maria Auxiliadora Andrade de Echegaray (Cizinha)**

Sarau: herança do Brasil colonial que hoje democratiza a cultura

O entendimento de que fazer e contemplar a arte é uma forma divina de estar no mundo, o amor pela vida, enquanto narrativa que contém em si mesma a beleza, o elemento que "dá sentido às coisas, que deixa grande, dilata e assombra com o seu poder de encantamento" (Pe. Fábio de Melo) despertaram em mim o desejo de que fosse contemplado, nas atividades culturais do Grupo Travessia-Aposentados/Adufg, o sarau.

Sarau é uma reunião, normalmente noturna, que tem como objetivo compartilhar experiências culturais e promover o convívio social. Alguns estudiosos acreditam que se trata de um galicismo moderno derivado do francês soirée (reunião nocturna), mas não é esse o caso. Embora ambas as palavras tenham raiz no latim serotinus (tardio, pela tarde), a origem reside no galego serao (anoitecer) e no catalão sarau, baile nocturno popular de que já havia registo em 1537 (Revista Superinteressante).

Um sarau é quase sempre composto por um grupo de pessoas que se reúne com o propósito de fazer atividades lúdicas e re-
creativas, como dançar,
ouvir músicas, recitar poesias, conversar, ler livros e demais atividades culturais. É um espaço dedicado à livre expressão artística que se prolifera e atrai públicos de todas as idades.

Pesquisas demostram que este tipo de evento era muito comum no século XIX, principalmente entre grupos de aristocratas e burgueses. Literatura, música, champanhe e vinhos eram alguns dos ingredientes dos saraus do Brasil do século XIX. Então privilégio de seleto público, esse tipo de encontro chegou ao Brasil em 1808, com D. João, e seguia os moldes dos salões franceses. Inicialmente, os saraus eram realizados no Rio de Janeiro, mas logo fazendeiros de São Paulo resolveram aderir à moda e já na metade do século XIX estavam espalhados por todas as capitais.

Era considerada a realização mais elegante da sociedade, com direito a piano de cauda e frequentada apenas por pessoas "iluminadas" cultural e financeiramente. A maioria dos saraus tinha participação de poetas e músicos ilustres, mas artistas anônimos também gostavam de sondá-los à procura de um mecenas, proteção financeira e social.

Com o tempo, essas reuniões passaram a ser organizadas por "pessoas de influência", interessadas em cultura e em financiar estudos e movimentos artísticos. Foi o que Freitas Valle fez quando abriu o salão Villa Kyrial, na Vila Mariana, em São Paulo, onde reuniu modernistas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira. Depois, surgiram outros, mais modestos como o próprio Mário, Tarsila do Amaral, Paulo Prado e Dona Olívia Guedes (Rede Brasil Atual).

> "O OBJETIVO MAIOR É ESTIMULAR O CONVÍVIO SOCIAL DA CATEGORIA, CRIANDO UM MOMENTO DE PURO ENCANTAMENTO, DE CONTEMPLAÇÃO DO BELO"

A Semana de Arte Moderna – também chamada de Semana de 22, que ocorreu em São Paulo, entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal da Cidade – foi um movimento libertário e agregador das diversas manifestações culturais brasileiras e um grande propulsor do sarau em nosso País. Foi assim que, passo a passo, o sarau se tornou popular e, para alguns historiadores, o seu segredo é a informalidade.

O Grupo Travessia-Aposentados/Adufg, ao realizar o I Sarau, em 2013, teve como princípio propiciar aos professores aposentados da UFG a oportunidade de compartilharem as suas experiências culturais, os seus talentos artísticos com toda a comunidade universitária e com o público em geral. O seu objetivo maior é estimular o convívio social da categoria, criando um momento de puro encantamento, de contemplação do belo, nem sempre percebido no universo do nosso cotidiano. O IV Sarau será realizado no próximo dia 21 de junho, na Adufg Sindicato, dentro do calendário anual de eventos do Grupo Travessia-Aposentados/Adufg.

** Professora aposentada da FIC; integrante do Grupo Travessia/Aposentados da UFG*

Adufg SINDICATO

18ª Diretoria Executiva
Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás

Flávio Alves da Silva
Presidente

Daniel Christino
Vice-presidente

Edsaura Maria Pereira
Diretora Secretária

Bartira Macedo
Diretora Adjunta Secretária

Anderson de Paula Borges
Diretor Administrativo

Thyago Carvalho Marques
Diretor Adjunto Administrativo

Ana Christina de Andrade Kratz
Diretora Financeira

Luciana Aparecida Elias
Diretora Adjunta Financeira

Peter Fischer
Diretor para Assuntos dos Aposentados e Pensionistas

Maria Auxiliadora de Andrade Echegaray
Diretora Adjunta para Assuntos dos Aposentados e Pensionistas

Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS

ANO III – Nº 31
Maio de 2016
Idealizador do projeto
Prof. Juarez Ferraz de Maia

Projeto gráfico original
Cleomar Nogueira

Editora responsável
Alessandra Faria (JP 01031/GO)

Editor e repórter
Macloys Aquino (Fenaj 02008/GO)

Diagramação
Bruno Cabral

Repórter
Fábio Alves (JP 0003403/GO)

Publicação mensal

Tiragem
3.000 exemplares

Impressão
Cegraf UFG

jornaldoprofessor@adufg.org.br

9ª Avenida, 193, Leste Vila Nova - Goiânia - Goiás
Fone: (62) 3202-1280
Produção e edição
Assessoria de Comunicação da Adufg Sindicato

RESPINGOS

Notícias do movimento docente, da vida na UFG
e de questões jurídicas sobre o magistério superior

Superativo

Fotos: Fábio Alves

Aposentado mas muito ativo, o professor Thomas Roland Hoag dará curso de fotografia para o Grupo Travessia-Aposentados/Adufg. Primeira turma em junho. "Não tem porque aposentar quando você faz o que gosta", disse ao **JP**. *Thomas é o professor com mais tempo de carreira no curso de Jornalismo da UFG: 43 anos de dedicação.*

Estudantes assistem aula de Pedro Vasconcelos Rocha (FCS) em gramado do Campus Samambaia. Foi o caminho que o professor encontrou para aliviar uma turma abarrotada de alunos e garantir que todos tenham fala.

Autor desconhecido pintou sobre restos de placas, mobiliário e material descartado, e expôs as peças por árvores e bosques do Campus II.

Estudantes do Iesa cultivam coentro e outras folhagens numa hortinha comunitária entre o prédio do instituto e a Creche.

CRISE AFETA PESQUISA

Uma das pesquisadoras mais relevantes do mundo na área de neurociência, Suzana Herculano-Houzel anunciou publicamente no início de maio que deixará o Brasil. Abandona seu laboratório na UFRJ e vai para Universidade Vanderbilt, nos EUA, porque não tem mais dinheiro para manter suas pesquisas aqui. Também por falta de condições de trabalho, a professora Mariana Pires de Campos Telles abandonou seus projetos no Laboratório de Genética e Biodiversidade, do Instituto de Ciências Biológicas (ICB-UFG), para ir para PUC-GO. "Para mim, o importante é discutir o que a pesquisa tem a perder (com a crise)", disse na última assembléia da Adufg Sindicato o professor Luiz Gonzaga, do IF.

Suspensão
A Capes suspendeu o cadastramento de 7,4 mil novas bolsas de pós-graduação em todo Brasil, 9% do total, segundo a Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG).

Suspensão II
O CNPq também suspendeu a concessão de bolsas para pós-graduação no exterior, efeito dos cortes no orçamento. O órgão disse que a suspensão é temporária, mas não indicou prazo para retomada.

Desinteresse
Apenas 39 docentes compareceram à assembleia que discutiu estratégias de mobilização ante a possibilidade de perda de direitos e do reajuste salarial este ano, promovida pela Adufg Sindicato em maio.

Colado na cadeira
"Professor não quer sair da cadeira. Não têm interesse. Veja essa assembleia. Divulgação para tudo isso nós fazemos", lamentou o presidente do sindicato, Flávio Alves da SiIva, logo no início da sessão.

Relevante
"Por que vocês não cuidam do que é relevante?", comentou uma professora, a respeito da notícia sobre a decisão de docentes de paralisar atividades no último dia 10 de maio.

Tem base?
Do professor Fernando Pereira, num fórum de discussão na internet: "O problema é que isso (paralisação) só desmobiliza. A base finge que não é com ela".

Contra todos
No final de março, o Andes divulgou uma nota sobre a crise política e propôs uma greve geral contra tudo e contra todos, governo e oposição.

Tem base? II
"Nas últimas greves que fizemos contra o governo federal (2012 e 2015) afirmei que o Andes tinha sido, naquelas conjunturas, uma inocuidade sindical. Tinha razão", disse o professor João Alberto (FH).

Tem base? III
Pesquisa coordenada pela professora Vânia Casseb Galvão (FL), mapeou expressões que reforçam a identidade de quem nasce em Goiás. "Aném" e "tem base?" entre as mais recorrentes.

Chapéu alheio
Assessoria Jurídica da Adufg Sindicato estuda ação na Justiça contra docentes ligados ao Andes que usaram o nome da Adufg para concorrer à chapa da Regional Planalto em Goiás.

Saiam
"Docentes filiados ao Andes deviam pedir desfiliação da Adufg. Um sindicato não pode se filiar a outro sindicato", disse o presidente Flávio Alves da Silva. Após o registro sindical, Andes não pode mais atuar em Goiás.

Será que sai?
Mesmo com cortes no orçamento do MEC, retenção de bolsas da Capes e do CNPq, e com poucas perspectivas para as Ifes, Dilma assinou o projeto que cria as universidades federais de Catalão e Jataí.

Reitor indígena
Doutor em Agronomia, Jefferson Fernandes, 51, é o primeiro indígena a assumir a reitoria de uma universidade federal no Brasil, a UFRR (Roraima).

Adufg SINDICATO notícias

Inaugurada ampliação do Recanto do Professor

A Diretoria da Adufg Sindicato (18ª/Gestão 2014-2017) inaugurou no dia 30 de abril uma ampliação do Recanto dos Professores, na Sede Campestre do sindicato, durante a realização do Sabadart. O local idealizado para o descanso e lazer dos professores filiados conta agora com 12 chalés equipados com mesa de estudo, cama de casal e triliche, banheiros individuais, ar condicionado e frigobar. Também foi inagurado espaço para instalação de um redário. O Recanto ainda possui cozinha equipada com geladeira, freezer, fogão e microondas.

"Todo esse espaço foi pensado para ampliar a convivência do professor da UFG. A estrutura foi realizada por várias gestões da Adufg. Fizemos um memorial de placas de inauguração na sede campestre em homenagem às diretorias anteriores. Em nossa gestão, toda a estrutura física da Adufg Sindicato foi construída ou melhorada, da sede campestre ao espaço de cultura e lazer", reiterou o presidente Flávio Alves da Silva.

A Sede Campestre fica no Morro Feio, em Hidrolândia, região conhecida por suas belezas naturais. O ambiente oferece piscinas aquecidas, quiosques para churrasco com fogão caipira, área de camping, parque infantil, lagoa, pomar, quadra de areia e campo de futebol gramado.

Fotos: Fábio Alves

Adufg SINDICATO prestação de contas

Dezembro de 2015

1 - Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros	
1.1 - Contribuição Filiados - Mensalidades	510.851,36
1.2 - Ingressos, Eventos e Festas	12.450,00
1.3 - Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.714,99
1.4 - Receitas Financeiras	6.690,46
1.5 - Outras Receitas	0,00
1.6 - Resgate de aplicações financeiras	100.000,00
Total R$	
	631.706,81
2 - Custos e Despesas Operacionais	
2.1 - Despesas com Pessoal	
2.1.1 - Salários e Ordenados	39.465,69
2.1.2 - Encargos Sociais	69.875,27
2.1.3 - Seguro de Vida	434,71
2.1.4 - Outras Despesas com Pessoal	7.787,12
2.1.5 - Ginástica Laboral	955,00
2.1.6 - Férias, 13º salário e Rescisões	67.741,80
2.1.7 - PIS s/ Folha de Pagto.	809,39
Total R$	**187.068,98**
2.2 - Serviços Prestados por Terceiros	
2.2.1 - Cessão de Uso de Software	1.641,57
2.2.2 - Despesas com Correios	2.948,61
2.2.3 - Energia Elétrica	4.685,33
2.2.4 - Honorários Advocatícios	7.900,20
2.2.5 - Honorários Contábeis	4.137,00
2.2.6 - Locação de Equipamentos	465,95
2.2.7 - Serviços Gráficos	11.070,15
2.2.8 - Honorários de Auditoria	1.510,49
2.2.9 - Tarifas Telefônicas e Internet	3.102,88
2.2.10 - Hospedagem/manutenção/layout do site	2.880,00
2.2.11 - Vigilância e Segurança	471,63
2.2.12 - Comunicação/Rádio/TV/Jornal	1.200,00
2.2.13 - Serviços de Informática	1.385,20
2.2.14 - Outros Serviços de Terceiros	1.126,00
2.2.15 - Água e Esgoto	622,30
Total R$ -	45.147,31
2.3 - Despesas Gerais	
2.3.1 - Combustíveis e Lubrificantes	2.454,05
2.3.2 - Despesas com Táxi	501,60
2.3.3 - Despesas com Coral	1.524,76
2.3.4 - Despesas com Grupo Travessias	1.050,60
2.3.5 - Diárias de Viagens	1.561,70
2.3.6 - Tarifas Bancárias	230,39
2.3.7 - Lanches e Refeições	2.143,46
2.3.8 - Quintart	0,00
2.3.9 - Patrocínios e doações	4.176,00
2.3.10 - Manutenção de Veículos	100,00
2.3.11 - Festas/Reuniões	0,00
2.3.12 - Festa Final de Ano	3.029,20
2.3.13 - Passagens Aéreas e Terrestres	100,47
2.3.14 - Gêneros de Alimentação e Copa	970,57
2.3.15 - Despesas com manutenção Sede Campestre	5.066,13
2.3.16 - Hospedagens Hotéis	385,00
2.3.17 - Material de expediente	681,94
2.3.18 - Outras despesas diversas	4.273,78
2.3.19 - Manutenção e Conservação	2.966,93
2.3.20 - Homenagens e Condecorações	0,00
2.3.21 - Despesas com Sede Adm. Jataí	595,49
2.3.22 - Despesas com cursos para aposentados	0,00
2.3.23 - Cópias e autenticações	98,41
2.3.24 - Sabadart/Festa Final de Ano Jataí	3.251,31
2.3.25 - Despesas com Greve	0,00
Total R$	**35.161,79**
2.4 - Despesas Tributárias	
2.4.1 - IR sobre Folha de Pagto	4.087,17
2.4.2 - Outras Despesas Tributárias	1.123,35
Total R$	**5.210,52**
2.5 - Repasse Fundo Social e Contribuições	
2.5.1 - Repasse para C/C Fundo Social	0,00
2.5.2 - CUT - Central Única dos Trabalhadores	0,00
2.5.3 - Proifes Federação	21.737,89
Total R$	**21.737,89**
Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais R$	**294.326,49**
3 - Resultado do exercício 12.2015 (1-2)	**337.380,32**
4 - Atividades de Investimentos	
4.1 - Imobilizado	
4.1.1 - Construções e Edificações	64.001,70
4.1.2 - Máquinas e Equipamentos	0,00
4.1.3 - Veículos	0,00
4.1.4 - Móveis e Utensílios	10.891,92
4.1.5 - Computadores e Periféricos	1.170,00
4.1.6 - Outras Imobilizações	0,00
Total R$	**76.063,62**
4.2 - Intangível	
4.2.1 - Programas de Computador	0,00
Total R$	**0,00**
4.3 - Aplicações Financeiras	
4.3.1 - Aplicação CDB	300.000,00
Total R$	**300.000,00**
Total Geral dos Investimentos R$	376.063,62
5 - Resultado Geral do exercício 12.2015 (3-4)	-38.683,30

Os valores contidos neste relatório estão por Regime de Caixa . Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.

Adufg SINDICATO notícias

Coral Vozes realiza II Encontro de Corais

Fotos: Fábio Alves

Após o sucesso do I Encontro de Corais realizado em 2015, o Coral Vozes da Adufg organiza a segunda edição do evento com apoio do sindicato.

O projeto cultural tem objetivo de envolver a comunidade acadêmica da UFG e a sociedade por meio do canto coral. A programação inclui apresentações de corais convidados, de músicos e a realização de palestras com temas sobre técnicas vocais e saúde da voz.

"Tivemos ano passado grande aceitação do público em momentos de alegria e encantamento. Desejamos que os corais sintam-se pertencentes ao nosso projeto e continuem mantendo as tradições, a cultura musical e os valores do povo goiano", relata a professora aposentada Ormezinda de Melo Gervásio, coordenadora do coral e autora do projeto.

A organização do II Encontro de Corais comemora o interesse de participação dos convidados. Na fase de inscrição, houve procura de mais de 30 corais. "Nunca imaginei essa situação. Tivemos que selecionar 11 corais para que fosse possível a apresentação em nosso espaço, nos dois dias de evento", conta Ormezinda Gervásio. A expectativa é reunir nos próximos dias 18 e 19 de maio, no Espaço Cultural da Adufg Sindicato, cerca de 600 pessoas.

Anote

II Encontro de Corais
- 18 e 19 de maio
- A partir das 18h
- No Espaço Cultural, de Lazer e Saúde (Rua 229, Qd 04, Lt 17, Leste Vila Nova)

Adufg começa enviar cartões

Informamos que os novos cartões de identificação dos professores filiados à Adufg Sindicato já estão sendo confeccionados e enviados por correspondência. Aproveitamos a oportunidade para esclarecer que o cartão de identificação é um cartão multiuso e não um cartão de crédito.

O Cartão USA Card passa agora a ser o cartão de identificação do filiado e dependentes nos eventos e dependências do sindicato. Além disso, o professor filiado poderá aproveitar ampla rede de descontos, utilização em vários estabelecimentos, facilidade de controle de gastos, agilidade para aquisição de produtos, segurança e muitas outras vantagens (essas possibilidades são opcionais).

Convênio faz ações preventivas

Programa Saúde Corporativa da Unimed Goiânia está desenvolvendo ações preventivas para vários grupos de pacientes como hipertensos, diabéticos, obesos e gestantes.

Em alguns casos, uma equipe de enfermagem monitora por telefone esses beneficiários, confirmando informações sobre a saúde do paciente e orientando sobre as patologias.

Para pacientes crônicos, a Unimed segue orientação da Agência Nacional de Saúde (ANS) que exige a assinatura de um Termo de Adesão, comprovando que os pacientes aceitam receber as ligações da equipe da Unimed.

Para isso, a Unimed informa que todos os funcionários envolvidos no programa são devidamente identificados, tanto por telefone quanto presencialmente.

Em caso de dúvida, entrem em contato com o setor de convênios da Adufg Sindicato pelo telefone 62 3202-1280 ou emailconvenio@adufg.org.br.

Aulas de dança estão de volta

As aulas de dança do Espaço Cultural, de Saúde e Lazer da Adufg Sindicato voltaram a ser ministradas no mês de maio. As aulas gratuitas agora são às quintas-feiras, das 19h às 20h, com a Escola de Dança Jaime Arôxa Goiânia. As inscrições podem ser feitas na recepção da Sede Administrativa até 18h e na recepção do espaço saúde após18h.

AGENDA DE ATIVIDADES CULTURAIS

Maio

Grupo Travessia-Aposentados/Adufg

Dia 17/05 - Jantar Dançante, Comemoração do 6º aniversário do Grupo Travessia – Aposentados/Adufg e dos aniversários de Maio (Convites à venda na sede administrativa)

Coral Vozes da Adufg

Dias 18 e 19/05 - II Encontro de Corais
(Convites gratuitos na sede administrativa)

Junho

Grupo Travessia-Aposentados/Adufg

Dia 21/06 - IV Sarau dos Professores Aposentados – Comemoração dos aniversários de Junho e Julho, e confraternização do Grupo Travessia antes do Recesso de Julho. Encerramento das atividades do 1º Semestre.

Fábio Alves

Reajuste pode não vir em agosto

Governo protela aprovação do PL 4251; entidades já falam em greve

A possibilidade de os docentes das universidades federais não receberem reajuste salarial este ano e não terem a confirmação da reestruturação da carreira é real. O aumento de 5% e a mudança das regras de promoção e das regras de incorporação de gratificação de desempenho a aposentadorias e pensões, conquistados às penas de uma greve e de uma desgastante negociação no ano passado, podem não ser cumpridos até agosto.

O PL (projeto de lei) 4251, resultado do acordo com o governo, esteve enterrado na Comissão de Seguridade Social e Família desde fevereiro, enquanto a agenda da Câmara Federal segue mergulhada na crise política brasileira.

Sem tempo para Câmara e Senado apreciarem a matéria até julho, o que garantiria o reajuste já na folha de agosto, o Proifes-Federação encaminhou no início de abril um pedido urgente para que o governo transformasse o PL 4251 em Medida Provisória (MP). Nem mesmo uma MP, com vigência de 60 dias prorrogáveis por mais 60, é a garantia do acordo em lei.

“A não concessão dos reajustes no prazo acordado trará graves consequências no processo de negociação permanente dos servidores com o governo, assim como trará uma quebra da confiança dos servidores nessa prática de negociação”, afirmou a entidade no pedido.

“Caso o PL não seja aprovado, a chance de começarmos o segundo semestre com greve é muito grande. Nem mesmo com uma medida provisória (o aumento) é garantido”, antecipou o presidente da Adufg Sindicato, professor Flávio Alves da Silva.

“Não sabemos o impacto de uma mudança de governo. Quem será o novo ministro da Educação? O que sabemos é que o PMDB não vai deixar percentuais fixos para Educação e Saúde”, acrescentou Flávio.

A tensa relação com docentes se intensifica com a expectativa de o governo aprovar o PLP (projeto de lei complementar) 257 que, a título de correções de ajuste fiscal e de pagamento de dívidas de Estados com a União, corta direitos dos servidores.

O texto prevê prejuízos, como Plano de Desligamento Voluntário (PDV), pelo qual os servidores abrem mão de suas carreiras em troca de pacote de “benefícios” e adiantamentos, uma experiência negativa para funcionários do Banco do Brasil e da Petrobras.

Ascom/Proifes-Federação

Crise pode alinhar docentes na oposição

As expectativas negativas de futuro para as Ifes, com os cortes no orçamento e as constantes mudanças na gestão do MEC, a estagnação das universidades e a possibilidade de congelamento da carreira podem alinhar a luta docente na oposição a um provável governo de Michel Temer (PMDB).

Em abril, o Proifes-Federação, que sempre defendeu a primazia das negociações e a greve como último recurso, falou em “quebra da confiança dos servidores na prática de negociação (caso o governo não aprovasse o PL 4251)”.

No mesmo mês, o presidente do Andes-SN, Paulo Rizzo, justificou como motivo para intensificar mobilizações a não garantia do reajuste de 5% em agosto, resultado de uma negociação da qual o Proifes participou.

Perguntado se há possibilidade de alinhamento entre entidades na defesa dos direitos de docentes, o presidente do Proifes-Federação disse que não trabalha com “previsão de futuro”. “Cada dia é um dia”, afirmou ao **Jornal do Professor**.

“Num eventual governo Temer seremos como somos hoje, independentes. E continuaremos na luta em defesa dos direitos da categoria docente”, disse Rolim.

“O reajuste no PL 4251 já é abaixo da inflação, além das distorções na estrutura da carreira. Isso, por si só já demandaria lutas futuras e se nem isso tivermos, teremos que intensificar efetivamente nossa luta e nossa unidade com os demais servidores”, disse ao **JP** o presidente do Andes, Paulo Rizzo.

Fotos: Fábio Alves

Luta contra a incerteza

Docentes aprovam paralisação e aguardam o clarear de um cenário nebuloso

Sentimentos de dúvida, perplexidade, indignação e até fragilidade diante da instabilidade política nacional se revezavam entre docentes durante Assembléia Geral de Mobilização, realizada pela Adufg Sindicato, que aprovou uma paralisação no dia 10 de maio.

A falta de diálogo com governo federal, com a sociedade ou mesmo de diálogo interno, dentro da própria universidade, podem ter criado essas sensações numa instituição que se viu sólida ou algo próximo disso nos últimos anos.

"Confiamos muito no governo Dilma, aceitamos as longas negociações. Não vi em nenhum momento gente da universidade falando que (o governo) estava errado e que tínhamos que ser mais combativos. Grande parte da cova que estamos entrando cavamos com nossos próprios pés", disse Diego Basile Colugnati, do ICB.

"Discutir 5% (de reajuste) não era motivo de greve. Greve é para as pessoas se manifesterem, saírem as ruas... O que nos coloca em risco hoje é que fazemos pesquisa que não tem sentido nenhum, pesquisas mortas, porque não representam a gente. Reverberam em quê? Me preenchem de que forma? Pra mim o importante é discutir o que a pesquisa tem a perder", desabafou o professor Luiz Gonzaga, do IF.

> "Confiamos muito no governo Dilma, aceitamos as longas negociações. Não vi em nenhum momento gente da universidade falando que (o governo) estava errado e que tínhamos que ser mais combativos. Nós não fizemos os debates. A esquerda tem que fazer a reflexão de que a coisa não está indo bem. Grande parte da cova que estamos entrando cavamos com nossos próprios pés"

Diego Basile
(ICB)

> "No ano passado, durante a greve, fiquei quieto porque a estrutura me calou. Não importava tanto o aumento, a discussão ali deveria ser a democracia. O direito de poder fazer pesquisas mais críticas. O que é mais importante que se mantenha em discussão é a mercantilização do conhecimento dentro da universidade. O que quero chamar atenção é para o impacto do PLP (257) em nosso trabalho, em nossa pesquisa"

Luiz Gonzaga
(IF)

> "Se o Temer fizer 20% do que está no plano dele, quem não foi pra rua ainda, agora vai. Nesses seis meses (que a presidente pode ser afastada), acho que muita coisa vai acontecer. O Flávio (Alves, presidente da Adufg Sindicato) fala da possibilidade de greve. E não é só ele"

Humberto Clímaco
(IME)

> "Temos na universidade um esvaziamento da discussão política. Temos que mudar isso. O sindicato tem se mobilizado positivamente. Temos que reforçar nosso debate em cima das propostas leis de mordaça, como a Recomendação do Ministério Público em Goiás. Com a conjuntura que está se formando, não podemos esquecer, que nós, professores, estamos na linha de tiro. Que os movimentos sociais estão na linha de tiro"

Alexandre dos Santos
(Direito, Regional Cidade de Goiás)

> "Temos que ser mais duros nos nossos comunicados. Os setores mais conservadores querem uma mudança na dinâmica da universidade. E o que vemos é que o nome indicado para ser o próximo ministro da Educação é do Democratas (DEM). O que se aponta para nós é muito pior do que o momento atual. Temos que nos mobilizar e fazer ações conjuntas com outras categorias"

Romualdo Pessoa
(IESA)

Receio por dias piores

Reitor enfrenta mês desgastante e prevê dificuldades para universidade após processo de impedimento da presidente

"O meu papel com o nome de todos da mesa, onde está? Bem, vou tentar lembrar aqui de cabeça. Talvez não dê conta. Vocês me ajudem," improvisava o reitor da UFG, Orlando do Amaral, durante colação de grau das turmas de Pedagogia e Psicologia da UFG, no último dia 28.

A pequena gafe rapidamente foi contornada. Seu discurso foi o mais longo daquela noite. Aproveitou para, como disse, prestar contas à sociedade sobre o trabalho da universidade; e desabafar. Expôs a frustração ante a crise política nacional.

"Depois do próximo dia 12 de maio, na votação da comissão que pede o impedimento da presidente, muito provavelmente teremos um novo presidente e um novo ministro da Educação."

"Teimosamente e apesar de tudo, quero ser otimista quanto ao futuro deste país e ao de vocês que hoje colam grau", ponderou antes de questionar e amarelar sorrisos: "Quem será o novo ministro da Educação? Qual sua política? Como ficará a política de expansão da universidade e as ações de apoio e incentivo aos estudantes?"

Do discurso da oradora dos formandos, uma frase foi reafirmada por Orlando: "Nossa jovem e frágil democracia." Os últimos meses foram dedicados à defesa dessa democracia.

No final de março, o reitor participou de evento organizado pela Adufg Sindicato, Sintifes-GO e APG. A pauta: crise política e suas consequências. Ante o lotado auditório do Instituto de Química (IQ), contou história conhecida por poucos: foi preso por 45 dias durante a Ditadura Militar.

"Não que quisesse omitir a história, mas era irrelevante em face ao que passaram alguns presos políticos no Brasil", disse.

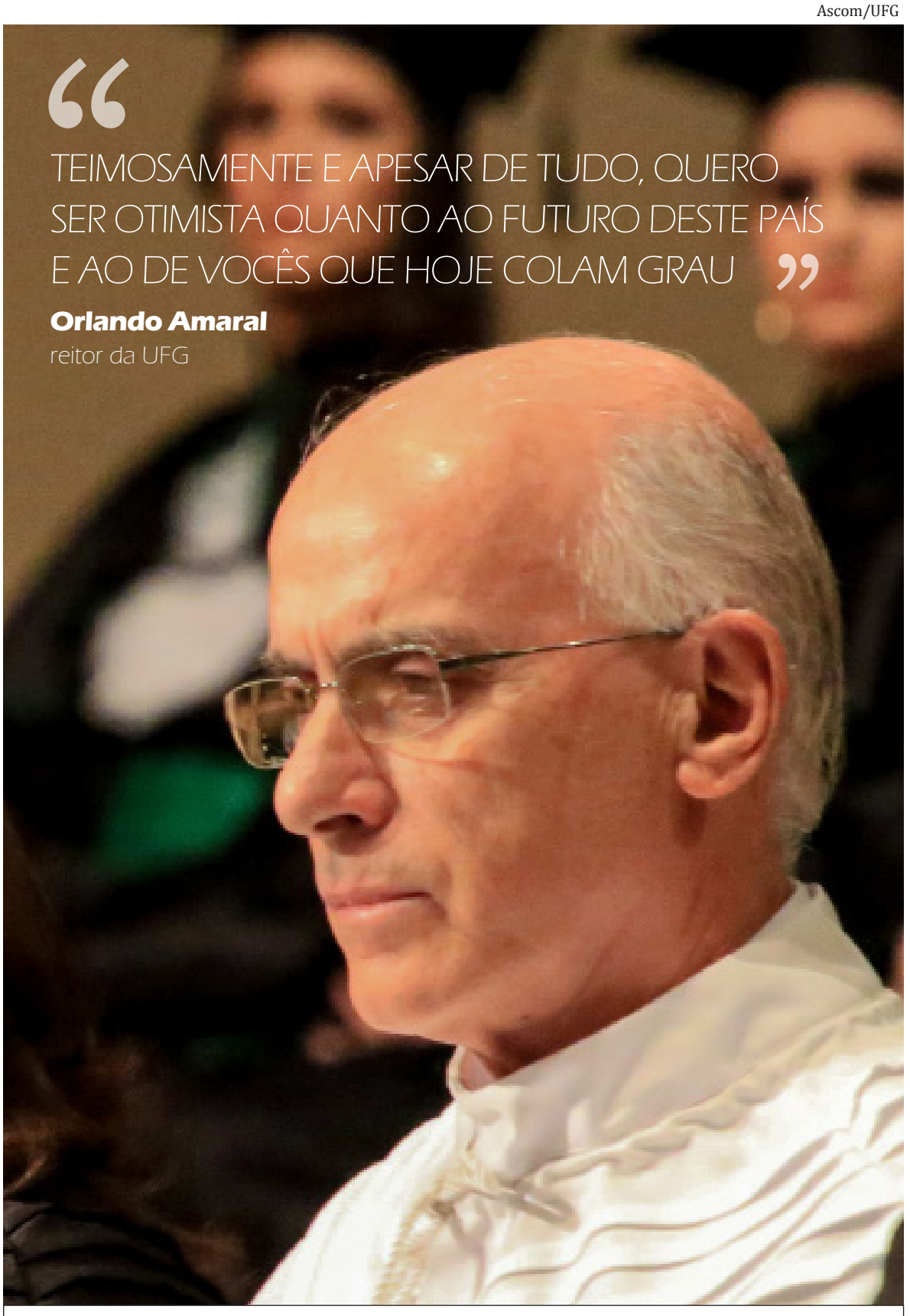
"O dado relevante dessa história é a ignorância, burrice e intolerância do regime militar, que se repete um pouco agora. O que se vê hoje é a mesma intolerância e o ódio a qualquer um que se coloque em defesa da constitucionalidade e do estado democrático".

Poucos dias depois do evento, no início de abril, o Ministério Público Federal em Goiás (MPF-GO), emitiu Recomendação para que não fossem realizados atos político-partidários contrários ou favoráveis ao processo de impedimento nos órgãos e autarquias federais do estado, inclusive na UFG.

A resposta da universidade ao MPF-GO foi puxada pela Adufg Sindicato, ao articular audiência pública na Assembleia Legislativa e a Assembleia Universitária. Nos dois eventos, o reitor discursou a favor da autonomia universitária e respondeu formalmente ao MPF-GO.

Na semana seguinte, a Câmara dos Deputados aprovou o prosseguimento do processo de impedimento da presidente. As palavras do reitor às famílias dos formandos, naquela noite do dia 28 de abril, carregavam o peso de tudo isso.

Ascom/UFG



'Problema independe da situação política', diz Carlito

O pró-reitor de Administração e Finanças (Proad) da UFG, Carlito Lariucci, diz não ter quaisquer expectativas, positivas ou negativas, em relação à mudança de governo e seus impactos para as universidades federais.

"Sabemos que é um ano difícil. Sabemos que seria assim. Isso independe do governo. O problema é a situação econômica do país. Independente da situação política", acredita o professor.

"Temos que tentar estancar o déficit da universidade. Não tenho parâmetro para analisar se será pior ou melhor com uma mudança de governo", afirmou ao **JP**.

Ascom/Andifes

Andifes em estado de apreensão

"Não podemos esperar definições de um governo que não foi eleito", diz presidente da entidade

Reitora da UFMT e presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), Maria Lúcia Cavalli Neder reflete nesta entrevista ao **JP** *a apreensão que atinge reitores de universidades federais brasileiras. A professora, filiada ao Pc do B, diz que a Andifes não foi procurada por qualquer emissário do provável governo de Michel Temer (PMDB) para tratar de uma política para as Ifes, instituições protagonistas no processo de desenvolvimento do país nos últimos. Ela receia retrocesso.*

Jornal do Professor - Como a Andifes vê o momento das universidades hoje, nesse contexto de instabilidade política?

Maria Lúcia Cavalli Neder – Com muita preocupação. Nós temos, tínhamos, aliás temos ainda, porque não mudou o governo, uma política educacional que há muito tempo não tínhamos, de trazer as universidades federais para o centro do processo de desenvolvimento do País. Desde o presidente Lula as universidades contam com uma política de valorização e os resultados estão aí, incontestáveis. Dobramos o número de alunos, a capacidade, ampliamos o número de cursos, foram criadas novas universidades, novos campus, a interiorização das universidades, com aumento da pós-graduação. Foi uma política que teve como princípio a inclusão e a democratização do acesso. Nunca tivemos um programa de governo que desse aporte a programas de inclusão, como tivemos. As universidades federais eram de uma elite no passado. Temos preocupação porque já tivemos governos, que estão apoiando este próximo governo, que não deram resultados.

JP – Podemos avaliar como positivos esses últimos anos de governos Dilma para a universidade? Houve cortes no orçamento e mudanças de gestão no MEC...

Maria Lúcia – Embora nós tenhamos tido problemas de orçamento, todas as universidades conseguiram fechar seus planejamentos. Fizemos contingenciamento e replanejamento de ações, o que não prejudicou o que é essencial. Falo pela minha universidade (UFMT), fechamos o ano passado sem muitos transtornos. Claro, não expandimos, ainda buscamos metas do Plano Nacional de Educação.

JP – Os cortes de gastos não afetam a pesquisa?

Maria Lúcia – A pesquisa não é financiada com dinheiro do MEC. É um equívoco pensar que cortes afetam a pesquisa. Os recursos do MEC são para graduação, a pós tem financiamento próprio.

JP – Mas que também dependem do governo...

Maria Lúcia – Sim, infelizmente. Porque as universidades não tem uma prática de relação mais forte com a iniciativa privada. Nós somos muito dependentes do governo até por questão ideológica. Acho que temos que ampliar nossas relações com empresas para que haja outras fontes de financiamento.

JP – Se estaríamos atrelados a uma forma de governo, como a professora pensa a autonomia universitária? Se muda o governo a universidade retrocede?

Maria Lúcia – Ocorre que somos financiados 100% pelo governo federal. Não temos autonomia financeira. As universidades precisam gerar recursos próprios, financeiramente precisamos avançar. Não pode ficar atrelado exclusivamente a recursos de governo. As universidades também não tem, de certa forma, autonomia didático-pedagógica, temos diretrizes que de certa forma são amarras, porque trazem elementos definidores de disciplinas, de áreas, de horas e até de metodologia. Então temos uma autonomia relativa.

JP – Talvez não pudéssemos esperar tantos avanços de um só governo, mas contar com continuidade. O que a Andifes espera de um governo Temer?

Maria Lúcia – Nada, estamos apreensivos, porque não se pode esperar definições de um governo que não foi eleito. Fazemos juízo de valor, de apreço, de perspectiva, quando escolhemos, quando um candidato apresenta um projeto e você analisa se é de interesse institucional, pessoal, etc. Ele (Temer) não apresentou programa, não sabemos o que ele pensa. Houve um tempo de escassez total, com greves em cima da outra, as universidades eram colocadas de escanteio nas políticas educacionais. Se a base dele for desse governo que já conhecemos, estamos preocupados.

JP – Andifes foi procurada por emissários desse possível governo, para conversar, tecer estratégias?

Maria Lúcia – Não. E temos a preocupação com os nomes para Educação. Entendemos que deve ser alguém com vinculações. Trazer político sem nenhuma vinculação com a área é temeroso.

JP – Andifes elaborou algum documento para o governo?

Maria Lúcia – Fizemos uma nota sobre a preocupação com a democracia no estado de direito. E uma sobre as invasões que estamos sofrendo, em Goiás pelo Ministério Público Federal (MPF), também houve no Rio Grande do Norte, inúmeras universidades estão sofrendo cerceamento da liberdade.

JP – Qual o pior receio para as universidades hoje?

Maria Lúcia – O desrespeito ao papel que as instituições federais de educação tem nos últimos anos. Somos responsáveis por 90% da produção intelectual do país, pelas melhores avaliações na formação de estudantes de graduação e de pós-graduação, temos os professores mais bem preparados do país, temos contribuído significativamente para a inovação e desenvolvimento de tecnologias. Esperamos minimamente o respeito a uma instituição fundamental no processo de desenvolvimento do país.

Livro sobre ditadura em Goiás amplia valor da democracia

A Associação dos Anistiados de Goiás (Anigo) e o Cegraf da UFG lançaram, no último 31 de março, o livro Arquivos Revelados: a ditadura militar em Goiás. A obra, dividida em dois volumes, é resultado de uma pesquisa da Anigo e traz documentos que retratam os anos de chumbo no Estado.

"Esse livro foi concebido para ser levado às universidades, para democratizar esses documentos sobre o golpe em Goiás, um dos estados que mais sofreu com a repressão na ditadura", destacou Marcantônio Della Corte, presidente da Anigo.

Professor da FCS, Pedro Célio classifica a publicação como de "grande importância, a começar pela disponibilização de importante acervo documental, até então de difícil acesso aos pesquisadores."

"Este livro tem um valor democrático ampliado em momentos como o atual, em que as pessoas deixam-se levar por atitudes similares àquelas que deram sustentação ao golpe de 1964. Penso em especial nas pessoas que seguem esse caminho por desinformação, como boa parte dos jovens", complementa o professor.

Para Pedro Célio, ao entrar como parceira na edição, a UFG, que teve postura de renegar a tortura e o desrespeito aos direitos humanos, cumpre seu papel para que o país fortaleça as opções da democracia.

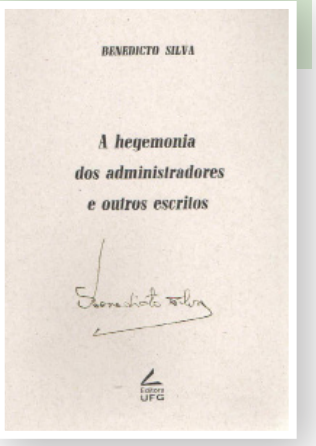
Atitude oposta a do deputado federal Jair Bolsonaro, que dedicou voto favorável ao processo de impedimento da presidente Dilma Rousseff (presa e torturada durante a ditadura) ao falecido torturador coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-CODI.

A Anigo pretende doar exemplares às instituições. Quem se interessar pode fazer uma solicitação à Anigo pelo e-mail: anistia.goias@terra.com.br.

(com informações da Ascom-UFG)

LANÇAMENTOS

A hegemonia dos administradores e outros escritos



Benedicto Silva; João Alberto da Costa Pinto (organização)

Editora UFG / 64 páginas

Com o propósito de divulgar o pensamento e a trajetória de Benedicto Silva, a obra reúne uma série de escritos do pensador goiano, procurando, com isso, apresentar aos leitores uma perspectiva sintética dos matizes ideológicos desse que foi um dos mais importantes tecnocratas que o Brasil já produziu.

A trajetória das artes de governar em Michael Foucault

Leandro Alves Martins de Menezes / *Ed. UFG - Coleção Expressão Acadêmica / 192 páginas*

O itinerário seguido neste livro, que abrange cursos ministrados pelo historiador francês Michael Foucault no Collège de France entre 1974 e 1979, busca esclarecer alguns processos históricos que possibilitaram o cenário analisado por ele, bem como responder às perguntas: como seus conceitos tornaram-se móveis ao longo dos anos? Como se reajustaram, perdendo ou ganhando características?

Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade

Nars Fayad Chaul */ Editora UFG / 293 páginas*

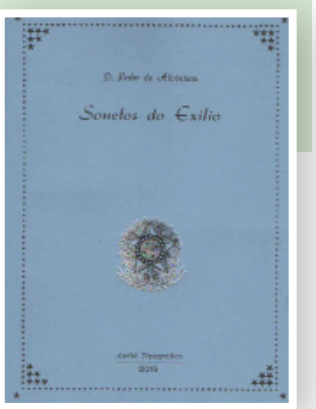
O livro é uma lufada de vento forte, de luz ridente e de chuva consoladora, irrompendo com estrépito a câmara mortuária em que sucessivas gerações de "bem-pensantes" meteram a construção simbólica da história goiana. É assim que o professor Nars Fayad Chaul, catalano, patrício, doutor em História e poeta, brinda-nos com este ensaio que é eminentemente de crítica historiográfica e compreensão da história de Goiás.

À meia-luz... : uma etnografia em clubes de sexo masculinos

Camilo Braz */ Editora UFG - Coleção Expressão Acadêmica / 208 páginas*

Este livro é resultado de um estudo antropológico acerca dos significados contemporâneos das masculinidades, a partir de uma etnografia levada a cabo em clubes de sexo masculinos, dada a percepção do autor de que eles constituem um mercado que dialoga fortemente com convenções de gênero.

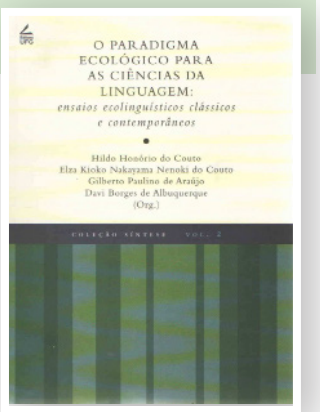
Sonetos do exílio recolhidos por um brasileiro



D. Pedro de Alcântara / *Ateliê Tipográfico do CEGRAF/ UFG / 16 páginas*

Atribui-se a autoria dos sete sonetos que compõem este livreto a Pedro de Alcântara (Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1825 – Paris, 5 de dezembro de 1891). "O Adeus", "Ingratos", "À Imperatriz", "Pátria", "Grande Povo!", "Aspiração" e "Terra do Brasil" são os títulos desses poemas. Esses títulos refletem, de forma clara, o conteúdo de umas composições supostamente elaboradas entre o banimento da família imperial – 17 de novembro de 1889 – e a morte de quem fora Imperador do Brasil desde 1840.

O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos



Hildo Honório do Couto, Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, Gilberto Paulino de Araújo e Davi Borges de Albuquerque (organizadores)

/ Editora UFG / 528 páginas

O livro atende demanda por bibliografia especializada em língua portuguesa. Trata-se da primeira grande coletânea de textos dos pioneiros da ecolinguística, como Edward Sapir, Einar Haugen, Alwin Fill e Adam Makkai, além de grandes impulsionadores da disciplina como o filósofo da linguagem alemão Peter Finke, Wilhelm Trampe, Peter Mühlhäusler e muitos outros.

A beleza dos detalhes

Aposentada da FAV, Heliana de Almeida mostra os primeiros resultados de sua experiência com a fotografia macro

Entre árvores, mato, flores, insetos e frutas da sede campestre da Adufg Sindicato ou no jardim de sua casa, a professora Heliana de Almeida registra as pequenezas da natureza. Detalhes ignorados pelo olhar nu tornam-se gigantes protagonistas nas fotografias.

O interesse em retratar detalhes vem do trabalho de uma vida como artista plástica. Heliana é professora aposentada da FAV e começou a explorar recentemente a fotografia macro.

"Na macro vejo coisas que outras pessoas não veem.Tenho interesse pelo novo e a lente me revela um mundo completamente novo. Um mundo em que o nosso olhar não é aguçado para ver", diz.

"O trabalho do artista é experimentar. Gosto disso. Vou testando até chegar a algo que gosto", completa. Dedicada, a professora está aperfeiçoando técnicas e encantada com as possibilidades desse universo descoberto.

As fotografias reproduzidas nesta página são uma pequena mostra de seus primeiros trabalhos.

Heliana se aproxima de inseto, em planta na sede campestre da Adufg Sindicato

Fábio Alves

De volta aos corredores da FIC

Acompanhamos o retorno do professor Hélio Furtado ao prédio do antigo ICHL após 21 anos

"Onde estão as Super-8?", perguntou o professor Hélio Furtado do Amaral. "Você sabe do que eu estou falando?", insistiu. Receptivo, Jessé Miranda, técnico de Laboratório de Rádio e Televisão da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), disse não saber do que se tratava. "É. São outros tempos", compreendeu o professor.

A conversa se passou na sala que armazena equipamentos de filmagem da antiga Facomb, ou ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras) da época de Hélio; hoje FIC. "Que nome feio arrumaram", implicou. Hélio retornou ao prédio após 21 anos. "Mudou muito. Tem mais estrutura, mas os corredores na minha época viviam lotados. Muito se conversava, muito se fazia", compara.

O professor chegou à UFG em 1973. Deu aula de Introdução ao Cinema até 1995. Foi chefe de departamento e presidente do colegiado de cursos de Comunicação.

> "TEM MAIS ESTRUTURA, MAS OS CORREDORES NA MINHA ÉPOCA VIVIAM LOTADOS"
>
> **Hélio Furtado**
> professor aposentado da FIC

A poucos dias de completar 90 anos (4 de maio), aceitou convite do JP e caminhou mais uma vez pelos corredores, salas e laboratórios em que passou parte da vida. Entre memórias e comparações com tempos de atrás, o professor reencontrou uma ex-aluna: Rosana Borges, hoje professora. Rosana estava em aula e passava filme para calouros do curso de Jornalismo. "Lembra da nossa época? Tínhamos que ir à Biblioteca Central para o senhor reproduzir os filmes. Imagina se tivéssemos tudo o que temos agora? Toda essa estrutura? É um prazer recebê-lo aqui", falou com entusiasmo.

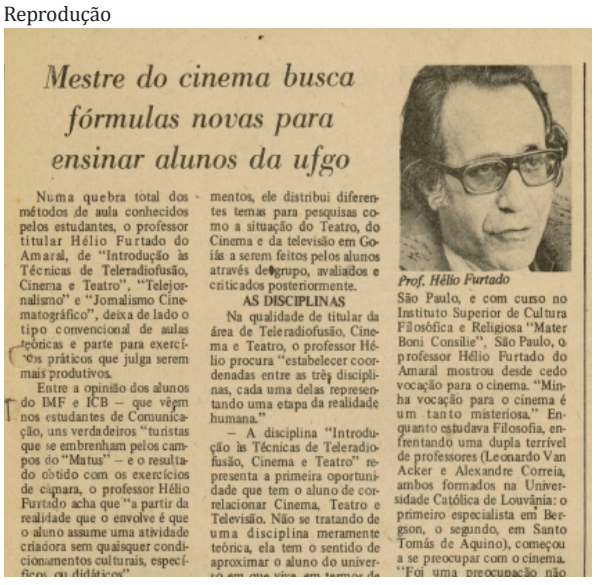
Encontro

Mais à frente, quando encarava as placas das portas dos gabinetes de professores, à procura de nomes conhecidos, esbarrou com a professora Luciene Dias. Ali se conheceram.

Em minutos os professores encontraram assuntos e pessoas afins. Uma delas: Francisco Eduardo Ponte Pierre. Pierre, como é chamado, foi professor do curso de Jornalismo e ainda hoje grande amigo de Hélio. Orientou Luciene na graduação. "Um caso a ser estudado", dizia Hélio sobre o amigo de longa data.

Novas formas de ensinar cinema

Reprodução



Mestre do cinema busca fórmulas novas para ensinar alunos da ufgo

Numa quebra total dos métodos de aula conhecidos pelos estudantes, o professor titular Hélio Furtado do Amaral, de "Introdução às Técnicas de Teleradiofusão, Cinema e Teatro", "Telejornalismo" e "Jornalismo Cinematográfico", deixa de lado o tipo convencional de aulas teóricas e parte para exercícios práticos que julga serem mais produtivos.

Entre a opinião dos alunos do IMF e ICB – que vêem nos estudantes de Comunicação, uns verdadeiros "turistas que se embrenham pelos campos do "Matus" – e o resultado obtido com os exercícios de câmara, o professor Hélio Furtado acha que "a partir da realidade que o envolve é que o aluno assume uma atividade criadora sem quaisquer condicionamentos culturais, específicos ou didáticos".

mentos, ele distribui diferentes temas para pesquisas como a situação do Teatro, do Cinema e da televisão em Goiás a serem feitos pelos alunos através de grupo, avaliados e criticados posteriormente.

AS DISCIPLINAS

Na qualidade de titular da área de Teleradiofusão, Cinema e Teatro, o professor Hélio procura "estabelecer coordenadas entre as três disciplinas, cada uma delas representando uma etapa da realidade humana."

– A disciplina "Introdução às Técnicas de Teleradiofusão, Cinema e Teatro" representa a primeira oportunidade que tem o aluno de correlacionar Cinema, Teatro e Televisão. Não se tratando de uma disciplina meramente teórica, ela tem o sentido de aproximar o aluno do univer-

Prof. Hélio Furtado

São Paulo, e com curso no Instituto Superior de Cultura Filosófica e Religiosa "Mater Boni Consilie", São Paulo, o professor Hélio Furtado do Amaral mostrou desde cedo vocação para o cinema. "Minha vocação para o cinema é um tanto misteriosa." Enquanto estudava Filosofia, enfrentando uma dupla terrível de professores (Leonardo Van Acker e Alexandre Correia, ambos formados na Universidade Católica de Louvânia: o primeiro especialista em Bergson, o segundo, em Santo Tomás de Aquino), começou a se preocupar com o cinema. "Foi uma preocupação não

"Numa quebra total dos métodos de aula conhecidos pelos estudantes, o professor titular Hélio Furtado do Amaral, de Introdução às Técnicas de Teleradiodifusão, Cinema e Teatro, Telejornalismo e Jornalismo de Cinema, deixa de lado o tipo convencional de aulas teóricas e parte para exercícios práticos que julga serem mais produtivos."

O Jornal Universitário publicara matéria sobre as inovações didáticas implantadas pelo professor Hélio Furtado nos cursos de Comunicação da UFG, em 1974. A devoção ao cinema de arte, crítico, e a relação horizontal com alunos pontuaram a trajetória do professor na universidade.

Na primeira edição da Revista Cisco, criada e editada por alunos de Jornalismo da UFG em novembro de 1985, Hélio foi o entrevistado especial. Lá explanou ideias sobre o valor crítico do cinema e mais uma vez falou das pretensões como docente.

"Minha ideia é formar indivíduos que tenham formação cinematográfica para pesquisar a realidade e buscar a memória das coisas", disse na entrevista.

Perguntamos a Hélio o que ele faria de diferente se pudesse voltar aos 30 anos. "Faria cinema", afirmou. "A gente passa anos e anos se dedicando às atividades culturais e se esquece da vida material, com isso ela vai sendo tragada, vai-se entrando num poço, que se de repente a gente não parar, acaba se afogando. É difícil conciliar as atividades culturais com a vida material", respondeu, em 1985, quando a Cisco lhe perguntou por que havia parado de trabalhar com cinema.

‘Ficamos marginalizados’

Abraçado a recortes de jornal, processos judiciais e anotações amontoados em uma pasta, todos os dias ele comparece à sede da Adufg, desde que fundou e foi o primeiro presidente do sindicato, em 1978. Com um hiato de apenas seis anos. Fora esse tempo, ele toma nota de processos envolvendo professores, aconselha colegas aposentados, advogados do Departamento Jurídico, jornalistas e servidores do sindicato.

Em sua vida profissional, muitas atividades: professor de Cinema, crítico, diretor de curtas, pesquisador de cinema antropológico, assessor jurídico de juízes e figura frequente no Superior Tribunal Federal (STF) há 30 anos.

Em entrevistas, cedidas com resistência ao JP, o professor falou de experiências, do hábito de escrever cartas, das viagens pelo mundo e dos anos dedicados ao cinema. Algumas informações foram retiradas de entrevista cedida por Hélio à estudante Vivian Malusá, publicada em sua dissertação de mestrado, em 2007.

Fábio Alves

Hélio: “O jovem acha que é o sujeito que cria as coisas”

90 anos

Não penso muito em idade. Se pensar em idade, entro em crise. Deixo de lado. Inconscientemente talvez eu tome. 90 anos significa limites. Isso é um dado de aspecto positivo: a gente assume maior consciência da gente no mundo. A gente chega a um limite da participação social. Quando passa dos 80 anos não tem necessidade de ampla participação social, política. Ficamos marginalizados. A tendência do jovem é marginalizar o mais velho. O jovem acha que é o sujeito que cria as coisas. É uma predisposição do jovem.

Cartas

Ainda escrevo à mão meus bilhetinhos. Escrevo carta até hoje. Escrevi mais de três mil cartas. Escrevi muito para Supremo Tribunal, juízes, presidentes. Mandei pra FHC, Jânio Quadros, Juscelino, Dilma. Lula e outros responderam através de assessores. Escrevi para muita gente. Parei de me corresponder agora. As pessoas estão na fase da internet. Escrever e responder cartas morreu. Isso é péssimo. E-mails são síntese. Me correspondi durante 15 anos com um primo. Escrevo agora e ele não responde mais.

Viagens

Em 1957 fui à Havana. Foi minha primeira viagem. Fui antes de Fulgencio Batista sair pressionado por Fidel Castro, na Revolução Cubana. Fiquei lá uns tempos. Me pagaram a viagem para um congresso internacional de cinema. Em 1965 fui para Argentina. 1966 ao Peru. Essa foi a melhor viagem. Falei muita besteira por lá (risos). Em 1967, 70 e 71 fui à Europa. Tudo por conta do governo brasileiro, pelo cinema. Conheci quase toda América e Europa. Como foi arranjado isso? Aí não sei.

Seminário

De 1940 até 1945 fui seminarista. Me chamaram e, num diagnóstico que era mais deles que meu, disseram que ser jesuíta não era para mim. Acabei desistindo. Doze anos depois, o mesmo provincial que me dissera aquilo falou que eu mudara muito. Coisas da vida. Durante o seminário, os estudos clássicos não me impediram de me dedicar, nas horas vagas, à Cosmografia, feito não bem aceito pelos superiores. Francisco Xavier, físico, me influenciou nessa fase.

Cinema

Aprendi cinema graças à Companhia Cinematográfica Vera Cruz, de que o Banco do Estado de São Paulo era o maior acionista. Aprendi acompanhando diuturnamente as filmagens, as montagens, os copiões. Aprendi cinema porque, no período de 1958 a 1961, fui representante do Banespa na comissão de julgamento e financiamento de filmes nacionais. Examinei mais de 100 roteiros e copiões. Infelizmente a minha participação no financiamento de filmes nacionais me deixou frustrado, pois enfrentei uma constante crítica dos membros da comissão estadual de cinema.

Adufg

Fui um dos fundadores da Adufg e o primeiro presidente, em 1978. À época ainda estava com ideias platônicas do sindicato. Minha participação coletiva era pouca. Eu era muito respeitado no Andes. Sempre tive muita dificuldade em falar no microfone. Esquecia tudo, e olha que eu trabalhei em Rádio. Só me retirei da Adufg de 1991 a 1996, por divergências com a presidente. Voltei em 1996 como diretor.

Direito

Dado o fato de meu pai ter sido juiz e de eu ter sido assessor no Tribunal de Justiça de São Paulo, eu e o professor Fernando Kratz exercemos papel de observadores e de críticos de processos da Adufg nos tribunais. Graças à mamãe, minha família tem ancestrais na área do Judiciário e do Direito. Além disso, fui aluno de Direito das Faculdades Metropolitanas Unidas de São Paulo, embora não tenha sido diplomado.

Ditadura

Consegui em 1989 as informações que o SNI (Serviço Nacional de Informação) coletou sobre mim entre 1974 e 1986. O dossiê indica que incentivei professores da UFG a assistirem o filme O Encouraçado Potemkin para “analisarem as fases do movimento grevista que serviriam de base e ensinamento aos docentes das Universidades Federais”. Era algo gravíssimo. Teorizo ter escapado por ter família de tradição religiosa e militar.

Presos políticos

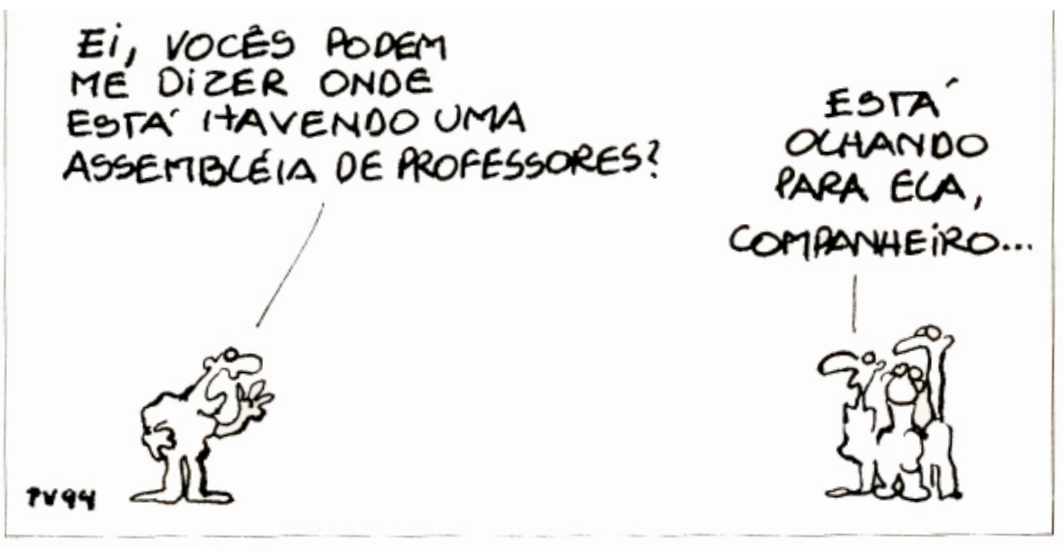
Durante a ditadura me envolvi na colaboração para libertação de presos políticos. Em São Paulo intervi por três funcionários subordinados a mim e a quem os nomes não convêm citar. Houve um emblemático caso: auxiliei a família de Joaquim Seixas, um preso político assassinado em frente a um de seus filhos. Mantive por muito tempo contato com essa família e eles muito me agradeceram. Na UFG teve o caso de dois alunos – um deles veio a se tornar professor da instituição – presos. Fiz a articulação jurídica para conseguir que fossem soltos.

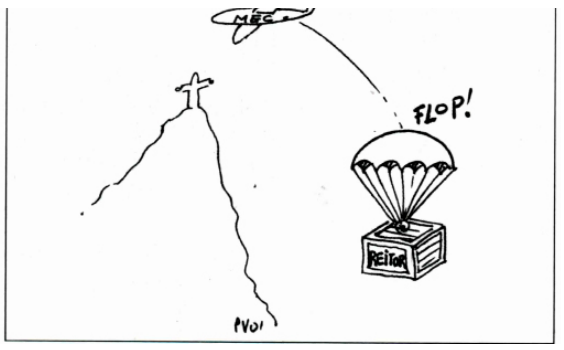
Adufg na história

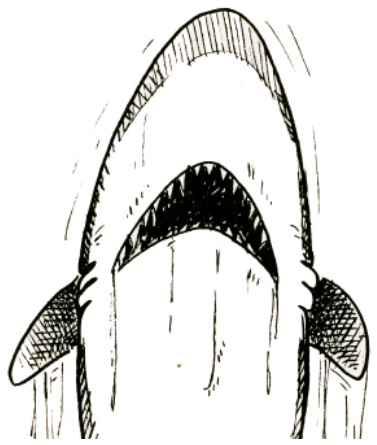
Passagens e memórias da construção do sindicato

Humor militante

Trabalho do professor e chargista Paulo Veiga (FAV) satirizou por anos os problemas da universidade pública







Canetinha preta e uma folha em branco eram os materiais do professor Paulo Veiga (FAV), quando fazia charges para publicações da Adufg Sindicato, de 1993 a 2002. Os governos de Fernando Henrique Cardoso, as precárias condições das universidades públicas e o dia a dia da UFG foram satirizados.

Quando estudante do antigo Instituto de Artes da UFG, no final da década de 1980, Paulo integrou o movimento estudantil. Contribuiu com charges e ilustrações. O que se repetiu quando professor.

No início dos anos 1990, foi convidado pela jornalista Teresa Cristina, então assessora de imprensa da Adufg, para publicar charges nos materiais produzidos pela entidade.

"Foi um período interessante. Era minha contribuição ao sindicato", diz Paulo.

"No início eram charges soltas, tratando de uma ou outra matéria. Depois de algum tempo, eu ganhei uma página e surgiram os Anais Acadêmicos. Em 2000, criei um personagem fixo em uma tirinha, era o Silva, motorista presidencial de FHC. As tirinhas eram sem graça, nunca se via o Silva e nem o FHC, apenas o carro de perfil, e o diálogo dentro dele. Mas, mesmo assim, os colegas gostavam".

A parceria com a Adufg acabou no início do primeiro mandato de Lula. "Porque não existe humor a favor", explica o professor.

Sobre o JP, o professor analisa: "É um bom jornal, mas meio seco. Não tem nenhum desenho."

Republicamos alguns dos trabalhos de Paulo Veiga, publicados originalmente em materiais impressos da Adufg entre 1993 e 2002.